



## Centro de Estudos Lusíadas 2010-2014 “Da cultura lusíada no mundo” Virgínia Soares Pereira\*

A presente reflexão incide sobre os contributos do Centro de Estudos Lusíadas (vulgo C.E.L.) para a afirmação e projecção cultural da U.M. no período que decorreu de Abril de 2010 a finais de 2014, isto é, desde a minha tomada de posse como presidente até à minha aposentação. Durante esse período de cerca de quatro anos, a Comissão Directiva do Centro – constituída por Rui Morais (Secretário), José de Sousa Teixeira, Miguel Sopas Bandeira, Eduardo Pires de Oliveira e por mim – sempre procurou desenvolver iniciativas cujo propósito fosse o de contribuir para a acção do Centro na sua missão de aprofundar o conhecimento da cultura lusíada “nos domínios da arte, da história, da arqueologia, da literatura e da linguística, ou outros afins”, conforme ficou consignado por decisão testamentária do Comendador Nogueira da Silva. Nesse sentido, a Comissão gizou em cada ano um programa pautado essencialmente pela organização de um Colóquio dedicado a um tema considerado de particular interesse histórico-cultural, complementado por ciclos de conferências

---

\* Presidente do CEL de 2010 a 2014.

a cargo de personalidades distintas do mundo académico e intelectual, tendo, além disso, promovido outras iniciativas de natureza cultural, nomeadamente publicações com a chancela do CEL, sessões de lançamento e apresentação de livros, exposições e demais actividades, em colaboração com diversas entidades ou instituições.

De entre todas as iniciativas sublinhem-se os Colóquios, que trouxeram a debate temas relacionados com a cultura lusíada, como sejam: “*Arte no Minho*”, “*Fernão Mendes Pinto e a projecção de Portugal no Mundo*”, “*Judeus Portugueses no Mundo: Medicina e Cultura*”, “*O Português como Língua Global*” e “*Minho-Galiza: Confluências*”. A ideia global de cultura lusíada começou localmente, pelo Minho, alargou-se ao mundo nos colóquios seguintes (expansão portuguesa, diáspora dos Judeus portugueses, lugar da Língua Portuguesa) e, no último, regressou ao Minho na sua confluência com a Galiza. Em resultado de circunstâncias várias e de algumas coincidências oportunas, foi possível, de 2010 a 2014, iniciar-se e encerrar-se um ciclo em torno de um mote comum: a cultura lusíada no mundo, de que são testemunho os colóquios organizados no referido período, a seguir apresentados.

Em 2010, com a colaboração do Museu D. Diogo de Sousa, o tema escolhido para o colóquio foi *Arte no Minho*. Percorreu várias épocas históricas, desde a antiguidade até à actualidade, e tratou com particular atenção os seguintes aspectos: *Arte romana na periferia do Império: o conventus Bracaraugustanus* (Rui Morais, U.M.); *Arquitectura românica e gótica no Minho e Arte no Minho no século XVI* (Paula Bessa, U.M.); *Barroco e rococó* (Eduardo Pires de Oliveira, U.M.); *Entre o neomedievalismo e o eclectismo: uma visão da arte minhota* (Regina Anacleto, U. de Coimbra). O volume saído deste Colóquio, largamente ilustrado, foi apresentado ao público por Henrique Barreto Nunes e representa, como se escreveu na “Apresentação”, “um primeiro olhar sobre algumas áreas e alguns períodos da arte no Minho”.

O Colóquio de 2011 foi dedicado à *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, num ano em que se celebravam cinco séculos do nascimento deste autor, que escreveu, sobre a expansão marítima portuguesa, uma das obras mais emblemáticas da cultura lusíada. O Colóquio, subordinado ao tema *Fernão Mendes Pinto e a projecção de Portugal no Mundo*, versou as seguintes matérias: *Portugal e a*

*Ásia: olhares cruzados na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (Ana Paula Laborinho, presidente do Instituto Camões); *Fernão Mendes Pinto – De Lisboa ao Estreito de Meca* (António Lázaro, U.M.); *Imagens da China na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (Arie Pos, investigador e tradutor); *Mendes Pinto e o Mundo de Negócios na Ásia do século XVI* (Jorge Santos Alves, Instituto de Estudos Orientais, U.C.P.); *A visão do chinês e do índio no século XVI: um arco cultural* (Manuel Gama, U.M.); *Os caminhos malditos da projecção de Portugal no mundo: o caso de Cristóvão Ferreira* (M. Augusta Lima Cruz, U.M.); *Missão impossível: em busca das fontes da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (Rui Manuel Loureiro, Centro de História de Além-mar). O colóquio teve a colaboração do Centro de Línguas e Culturas Orientais, do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, e contou com a exibição, a encerrar o Colóquio, de uma dança chinesa: *A lua, uma flor e o rio numa noite primaveril*, interpretada por *Chun Jiang Hua Ye*, aluna finalista do Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês (ILCH/U.M.). Com a realização deste Colóquio, o CEL pretendeu assinalar, em 2011, os quinhentos anos do nascimento do autor da *Peregrinação*. Três anos depois, em 2014, associou-se, mediante a publicação do livro resultante do Colóquio, às celebrações de outra efeméride não menos importante: os quatrocentos anos da primeira edição da *Peregrinação*. Apresentado por Amélia Polónia, da Universidade do Porto, o livro trouxe de novo ao nosso convívio Fernão Mendes Pinto, uma extraordinária figura do património imaterial da cultura portuguesa, um escritor viajante, peregrino do Oriente, que viu e conviveu com outras gentes e outras culturas, contribuindo desse modo para um maior conhecimento do mundo físico e humano de então.

O ano de 2012 foi marcado pela realização do Colóquio *Judeus Portugueses no Mundo: Medicina e Cultura*, organizado pelo CEL em parceria com o Departamento de Filosofia e Cultura (U.M.). Na “Nótula de apresentação” do livro saído deste Colóquio, de autoria conjunta de Manuel Curado e minha, pode ler-se: “Ao longo do volume tem o leitor ocasião de visitar as principais questões que se levantam quando se faz a história da vida e do pensamento desses insignes portugueses. Assim, são objecto de estudo e revisitação figuras de reconhecida estatura intelectual, como Amato Lusitano, Garcia de Orta, Diogo Pires, Rodrigo de Castro, Leão Hebreu, Francisco Sanches, Ribeiro Sanches, e tantos outros que, enfrentando o exílio, foram admirados, fora do país, pelo

seu talento e aí contribuíram para o desenvolvimento da filosofia, da medicina, da ciência e da cultura. Muitos, sobretudo a partir do século XVI, rumaram a Antuérpia, que era então ponto de encontro de comunidades judaicas, mas também verdadeiro centro comercial de especiarias. Todavia, fruto de circunstâncias adversas, tiveram de abandonar aquela cidade, em busca de liberdade religiosa e, continuando a sua vida de provações, passaram depois a cidades italianas como Veneza, Ferrara, Pesaro, Ancona, tendo-se dirigido mais tarde para Dubrovnik e ainda para a cidade de Salónica, e acabando aqui a sua diáspora. De todas as terras da Europa, Salónica, então sob o poderio otomano, foi a cidade que os acolheu, chegados aos milhares. No século XVI, a Europa tornara-se, para os Judeus, o inferno na terra, enquanto Salónica, que os recebeu “com todo amor e boa vontade”, foi para eles terra de refúgio e libertação, como testemunhou Samuel Usque. No entanto, percorrendo embora esta via de grandes tribulações, os judeus portugueses foram também excelentes homens do mundo da finança e de negócios, assentando esta outra face da sua vida no facto de estarem ligados familiarmente em rede, como sucedeu com a poderosa família Benveniste (os Mendes da documentação portuguesa). Assim se compreende que, a respeito da difícil vida destes homens, se tenha escrito, como fez Maria José Ferro Tavares (*Lusitania Sacra*, 27, 2013, p. 15), ‘entre religiões e negócios, a sobrevivência”.

A autocitação foi longa, mas permitiu dar conta da riqueza temática do Colóquio, que pôs em evidência o papel científico e cultural desempenhado por judeus portugueses espalhados pelo mundo e constituiu, inequivocamente, um momento de eleição para trazer a público e à memória aspectos menos conhecidos da vida e obra dos referidos vultos. Foram oradores, quer no Colóquio, quer num ciclo de conferências organizado sobre o mesmo tema, especialistas na matéria, vindos de diversas áreas de estudo e de várias instituições e universidades, como: António Andrade, Adelino Cardoso, Teresa Nobre Carvalho, Fernando Machado, J. A. David de Moraes, João-Maria Nabais, James Nelson Novoa, C. Ascenso André, Paulo Archer de Carvalho, Manuel Curado, Cristiana Lucas da Silva, José Eduardo Franco, Maria Antonieta Garcia, J. Pinharanda Gomes, Jorge Martins, Rui Bertrand Romão. O livro que reuniu o contributo destes oradores viu a luz do dia no dia 03 de julho de 2014, pelas 18.00 horas, no Salão Nobre do Teatro Circo, com o apoio do Conselho Cultural e no âmbito da Feira do Livro de Braga; a apresentação do volume esteve a cargo de Daniel

Serrão, Prof. catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e de Jorge Patrão, Presidente da Rede de Judiarias de Portugal, e constitui, sem dúvida, um marco importante no património histórico-cultural do CEL.

Em 2013, foi organizado o Colóquio *O Português como Língua Global*, que contou com a colaboração do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos (U.M.). Trouxe a debate os temas seguintes: *O valor do Português no quadro das línguas globais* (José Paulo Esperança, ISCTE); *Contributos das Tecnologias da Língua na Globalização do Português* (Anabela Barreiro, Instituto de Engenharia de Sistemas); *A situação do Português no contexto dos novos paradigmas da interação natural pessoa/máquina* (Daniela Braga, Senior Speech Scientist, VoiceBox, USA); *Português, língua de ciência?* (José Teixeira, U.M.); *Comunicação Social, Comunicação Global e Língua Portuguesa* (Carlos Magno, Presidente da ERCS). Seguiu-se uma mesa redonda sobre “*A Situação do Português no Mundo da Globalização*”, com a participação de Ana Paula Laborinho (Presidente do Instituto Camões), Eugénio Anacoreta Correia (Presidente do Observatório da Língua Portuguesa) e de Rui Vieira de Castro (Vice-Reitor da Universidade do Minho).

O colóquio em apreço teve como objectivo reflectir sobre o lugar da Língua Portuguesa no mundo da globalização e afirmar a sua importância quer em domínios já tradicionais (refira-se, a título ilustrativo, a docência do Português como língua não materna, língua segunda ou língua estrangeira), quer noutros domínios, como sejam o Português como língua de ciência, ou como língua de união entre os povos da Lusofonia.

Ainda no âmbito temático deste Colóquio, o CEL organizou, igualmente com a colaboração do referido Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos, um ciclo de conferências sobre a Língua Portuguesa e a sua posição estratégica e literária, a saber: *Língua Portuguesa, Globalização e Lusofonia* (Moisés Martins, U.M.); *O futuro da Língua Portuguesa* (Ivo de Castro, Universidade Clássica de Lisboa); *A cozinha portuguesa dos Descobrimentos (segundo o Ms. 142 do Arquivo distrital de Braga)* (Anabela Leal de Barros, U.M.).

Por fim, o Colóquio realizado em 2014, em parceria com o Centro de Estudos Galegos (U.M.) e com o apoio do Museu D. Diogo de Sousa, foi dedicado ao

tema *Minho – Galiza: Confluências*. Participaram: Elías J. Torres Feijó (U.S.C – grupo Galabra), *O galeguismo cultural e Portugal: a via minhota (1850-1936)*; Aurora Rego (Investigadora do CITCEM; C. M. Caminha), *Mobilidade e fixação de galegos no Alto Minho durante o século XIX*; Domingo González Lopo (U.S.C), *Entre o viño e a pedra. Galegos no Norte de Portugal nos séculos XVIII-XIX*; Eduardo Pires de Oliveira (U.M.), *Pedra a pedra. Pedreiros galegos na arquitectura minhota do século XVIII*; Rui Morais (U.P.) e M. José Sousa (Museu D. Diogo de Sousa), *Arqueologia da Música. A representação da gaita-de-foles e órgãos hidráulicos em lucernas Dressel 28 de produção peninsular*. A encerrar o Colóquio, o painel *Minho-Galiza: Confluências* teve a participação das seguintes personalidades: Vice-Reitor da U.M. (José Mendes), Diretor Executivo da C.E.E.R. (Ruben Lois), Presidente da Câmara Municipal de Braga (Ricardo Rio), Presidente da Associação Industrial do Minho (António Marques), a que se seguiu um momento musical, com o grupo *Canto d’Aqui*.

Não obstante toda a acção desenvolvida pelo CEL, esta não se cingiu à organização e realização dos Colóquios mencionados, que reuniram e trouxeram à Universidade e a Braga especialistas consagrados em diversas áreas do saber. Realizou igualmente ciclos de conferências em torno de temas afins ou de outros temas, ditados por efemérides especiais, sendo de referir os ciclos dedicados à República Portuguesa, o já referido ciclo dedicado a grandes médicos e pensadores judeus portugueses e o ciclo dedicado à Língua Portuguesa. Assim, por ocasião das comemorações dos cem anos da República Portuguesa, foram proferidas as seguintes conferências, que tiveram larga participação de público: *Paideia, filosofia e política em A República de Platão*, por José Pedro Serra, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e *O Republicanismo: da propaganda à governação (1848-1926)*, por Norberto Cunha (U.M.), Luís Cabral. Assessor da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal do Porto, proferiu uma outra conferência, realizada no âmbito das comemorações do bicentenário do nascimento de Alexandre Herculano, que teve como tema *Alexandre Herculano e o património cultural: palavras “entre Douro e Minho”*.

Além disso, foram realizadas sessões de lançamento e apresentação de vários livros, nomeadamente: lançamento do livro de Ribeiro Sanches intitulado *Memória sobre os Banhos de Vapor da Rússia*, seguido de *Sífilis – Doença Venérea Crónica*, tradução e anotações de Fernando Machado (U.M.), que

dessa forma deu a conhecer a um público mais vasto os dois opúsculos, precedidos de uma indispensável e importante introdução; apresentação do volume que tem por título *Médico Político* e, por subtítulo, *Tratado sobre os deveres médico-políticos*, da autoria de Rodrigo de Castro (médico judeu português de finais do séc. XVI), por Avelino Cardoso; apresentação, por mim, do livro de Rui Morais, Miguel Bandeira e Eliana Pinho, *Itineraria Sacra. Bracara Augusta Fidelis et Antiqua*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Col. “Classica Instrumenta”, 2013.

O CEL colaborou ainda com iniciativas do Conselho Cultural da U.M. e por três vezes trouxe à Universidade, por ocasião do Festival de Outono, o grupo de teatro clássico “Thíasos”, do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, que apresentou e revisitou peças do teatro clássico, as comédias *O fulaninho de Cartago*, de Plauto, a *Lisístrata*, de Aristófanes, e a tragédia *As Suplicantes*, de Eurípides.

Em suma:

Com as actividades aqui elencadas, o CEL prosseguiu, no decurso destes quatro anos, o trabalho de difusão do património cultural que as anteriores Direcções proficuamente realizaram. Assim, pode afirmar-se, sem exageros, que o Centro de Estudos Lusíadas, juntamente com as restantes Unidades Culturais da U.M., sempre tem contribuído, ao longo dos anos, para uma maior visibilidade, não estritamente académica, da acção cultural que o Conselho Cultural e a Universidade do Minho vêm realizando *intra* e *extra muros*, na sua missão de serviço à comunidade.

